

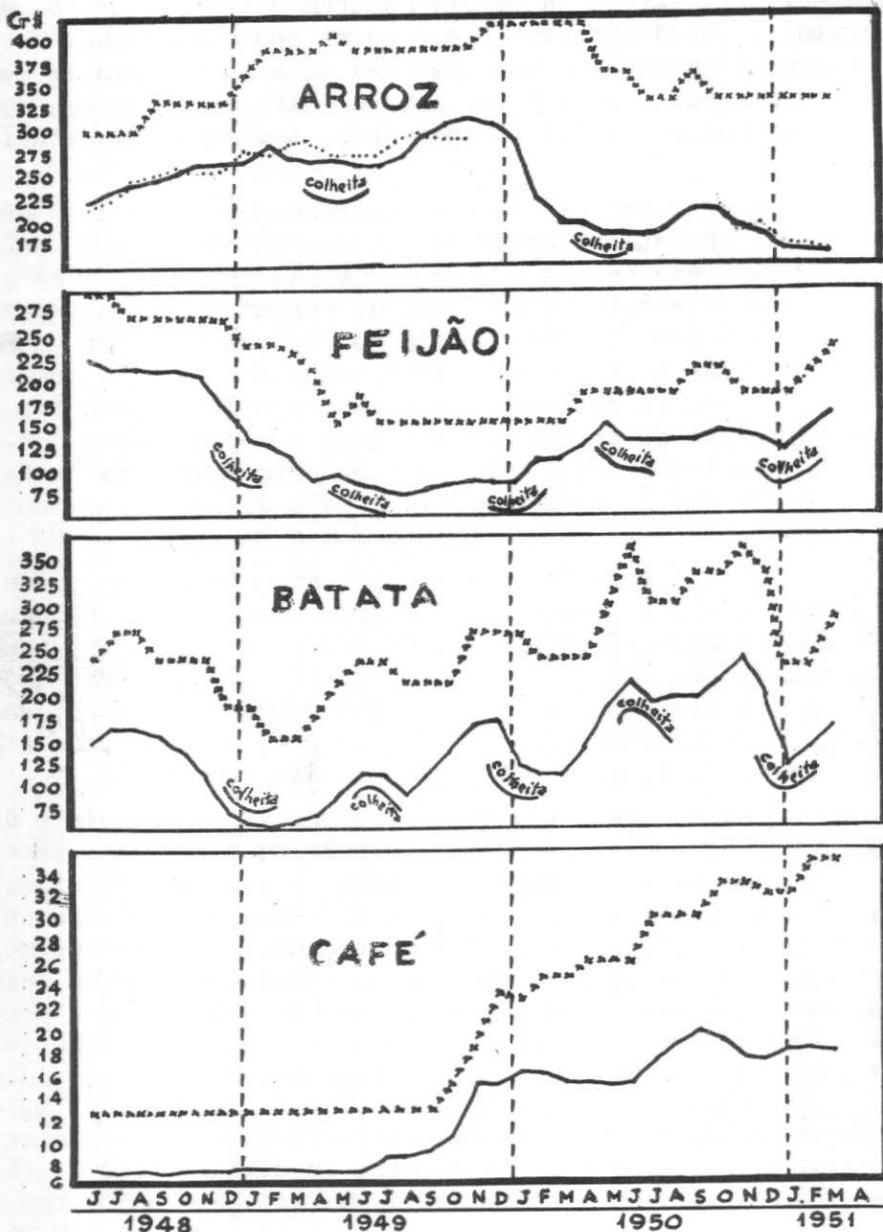
As reclamações dos agricultores contra os preços que recebem por seus produtos agrícolas, são de um modo geral, procedentes. Os gráficos da pag. 24 mostram que esses preços são tão sujeitos a grandes flutuações, que na época da colheita sofreram quedas acentuadas e que, no caso de alguns produtos como o café e o arroz, as margens, isto é, diferenças entre os preços dos produtores e dos consumidores, tem aumentado sensivelmente.

No caso do café é de se estranhar a elevação da margem uma vez que os preços de varejo são estabelecidos pela C.E.P. Quanto aos preços de arroz que não estão sujeitos atualmente ao tabelamento, a elevação da margem merece algumas considerações. O fato de ter passado de 70 cruzeiros por saco nos meses de julho a dezembro de 1948, para mais de 200 cruzeiros em 1950, torna-se estranho quando se considera que o feijão, que é produto de comércio semelhante e cujas margens durante o 2º semestre de 1948 eram praticamente iguais as suas, continuam mostrando os mesmos valores, isto é, aproximadamente 65 cruzeiros por saco. O mesmo ocorre com a batata.

Devemos pois indagar se esse aumento de margem dos preços é motivada por manobras de interessados ou se é apenas o efeito da organização defeituosa do comércio de distribuição de alimentos de São Paulo. Antes devemos ter em mente que o desajustamento se processa entre os preços do varejo e do atacado porque, conforme vemos no gráfico, os preços do mercado atacadista mostram flutuação semelhante aos dos produtores.

Sabe-se que a competição no mercado varejista é de tipo especial. Um vendedor nem sempre pode cobrar preços superiores a de seus vizinhos pois incorre no perigo de perder os freqüentes, e é muito difícil entrarem em entendimento para aumentar os preços porque a classe é muito numerosa e dificilmente chegariam a um acordo. De modo que o aumento da margem referida não deve ter sido ocasionada por modificação de seus preços. Se estes não caíram juntamente com os do atacado é porque os varejistas estão adquirindo o produto, mas não na base dos preços de atacado, isto é das cotações das Bolsas. Aliás esta suposição é confirmada por certas características da organização do comércio distribuidor de cereais em S. Paulo. Pois as firmas atacadistas dispõem geralmente de um corpo de vendedores que visitam os varejistas, e oferecem-lhes os produtos sempre com facilidade de pagamento. Desse modo o varejista não tem interesse em comprar nas Bolsas, onde as transações são efetuadas em lotes grandes e a dinheiro.

PREÇOS DO PRODUTOR E VAREJO
PARA DETERMINADOS PRODUTOS AGRICOLAS



xxxxxx Preços Varejo. Arroz : Agulha - Amareirão, bom.
Feijão : Mulatinho Clare.
Batata : Amarela especial de la.
Café : Em pó. União.

Fonte: Prefeitura Municipal de S. Paulo.

————— Preços Produtores. Fonte : Subdivisão de Economia Rural.
..... Preços Atacado. Fonte : Bolsa de Mercaderias de São Paulo.

De outro lado é necessário considerar que os produtores não podem aproveitar da margem elevada entre os seus preços e dos consumidores, trazendo o produto e vendendo aos varejistas na Capital, porque estes são muitos e cada um deles não se interessa por mais de poucos sacos de cada vez.

Dessa forma a margem entre os preços dos produtores e consumidores pode tornar-se elevada e assim se manter, facilmente. Basta que as firmas que distribuem aos retalhistas entrem em entendimentos para não entregar o produto a preços abaixo de um determinado nível. Não parece provável, porém, que a causa da margem elevada dos preços de arrôz se encontre nessa forma de entendimento, porque ele é difícil de ser acertado e em geral duram pouco uma vez que os atacadistas que trabalham no ramo competem entre si para vender maior volume aos retalhistas. Além disso uma vez feito os entendimentos eles possivelmente não iriam usa-lo com a finalidade de aumentar suas comissões de vendas, pois seria mais lucrativo agir diretamente sobre o mercado, fazendo os preços flutuarem de acordo com seus próprios interesses.

Outra explicação para o desajuste de margens, pode ser encontrada em certas particularidades das flutuações de preço, que sofreram uma queda violenta de janeiro a março de 1950, passando aproximadamente de 290 a pouco mais de 190 cruzeiros o sacco. E isso após ter conhecido uma acensação firme nos 15 meses anteriores, passando de 210 a 310 cruzeiros o sacco. Nestas condições e de se esperar reajuste morosos nos preços do varejo, que é acentuada pela forma como o comercio de cereais distribue o produto. Pois se cada firma conta com freguezia propria e mais ou menos seguras a si pelas facilidades de credito que lhes oferece e pelo natural comodismo destes varejistas, é evidente que a firma poderá retardar por algum tempo a diminuição dos preços, sem que os varejistas reclamem e mudem de fornecedores. Aliás a reação dos varejistas é menor, no momento, devido ao fato dos consumidores terem se acomodado a niveis mais elevados de preços.

De acordo com essas considerações o atual desajuste entre os preços do arrôz do produtor e de varejo, não seria o resultado de um entendimento entre os interessados de um setor do comercio, mas antes as consequencias de uma organização defeituosa no nosso comercio de distribuição dos produtos agricolas, que permite aos intermediarios aproveitarem-se de certas flutuações para fazer com que o ajustamento de preços se processe morosamente.



SECRETARIA DA AGRICULTURA
DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

DIVISÃO DO ESTADO DE S. PAULO
EM SETORES, REGIÕES AGRÍCOLAS E MUNICÍPIOS

1950

LEGENDA

- ⊙ SEDE DOS SETORES AGRÍCOLAS
- SEDE DAS REGIÕES AGRÍCOLAS
- ★ MUNICÍPIOS
- DIVISA DE SETORES
- - - DIVISA DE REGIÕES
- DIVISA DE MUNICÍPIOS